

Caetanistas negros: *outros* que *honram a* *galeria dos* *pretos do Brasil*



Sumário

Apresentação	3
O porquê do título	4
Linha do tempo e contexto histórico	5
Edmundo Malachias de Almeida Lisboa	11
Presciliano José da Silva	12
Alfredo Machado Pedrosa	13
Benedicto Galvão	14
Virgínia Leone Bicudo	15
Erlon Vieira Chaves	16
Eduardo Ferreira de Oliveira	18
Nize Izabel de Moraes	19
Ailton do Prado	20
Rosa Maria Tavares Andrade	21
Hamilton Bernardes Cardoso	23
Bibliografia	24
Plataformas	27
Vídeos	29
Ficha técnica	30

Apresentação

O Núcleo de Memória e Acervo Histórico - NUMAH, do Centro de Referência Mario Covas - CREMC, apresenta a exposição **Caetanistas negros: outros que honram a galeria dos pretos do Brasil**. A exposição foi desenvolvida através de pesquisas feitas no Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos - AHECC, que o NUMAH possui a custódia, bem como em teses e livros, com o objetivo de preservar e difundir a memória da educação paulista.

Caetanistas negros: outros que honram a galeria dos pretos do Brasil é a primeira exposição da série de ações intitulada de **Todo dia é dia de Antirracismo**, que busca, por meio da apresentação de personalidades negras da Escola Caetano de Campos, valorizar e celebrar as histórias dos estudantes e educadores negros no sistema de educação pública paulista da Escola Caetano de Campos, entre o início do período republicano até década de 1970.

São identificadas as trajetórias e as problemáticas dos estudantes e educadores negros dentro de uma instituição educacional que era visada pela elite paulistana, para que essa se tornasse o epicentro de sua educação. As lutas diárias contra o racismo, sendo elas inconscientes ou conscientes, estavam presentes desde o início, mesmo que houvesse tentativas de mascarar-lo, sentindo apenas nuances dessa problemática estrutural na sociedade e na educação.

A partir da exposição **Caetanistas negros: outros que honram a galeria dos pretos do Brasil**, é possível estabelecer diálogos com a comunidade escolar e a sociedade, com vistas à contribuição para uma educação antirracista, para que seja valorizada a diversidade étnico-racial e seja promovida a igualdade de acessos e oportunidades.

O porquê do título

Ao procurar pelos nomes de Caetanistas negros na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, encontramos a edição de 13 de maio de 1920 do jornal *A Protectora*, órgão da Associação Protetora dos Brasileiros Pretos. Em memória à lei chamada áurea, o autor do artigo lembrou das riquezas do Brasil e do progresso conseguido sobretudo pela mão de obra de escravizados negros, que com sangue e suor, elevou o país a uma nação agrícola. Lembra o autor do artigo, que seus irmãos negros se sobressaíram para além das lidas rurais, espalhando-se pela literatura, pelas artes e ciências como a família Rebouças, José do Patrocínio, Luiz Gama, Hemetacio dos Santos, Presciliano Silva, *para não citar outros que honram a galeria dos pretos do Brasil*.

Ao aprofundarmos a pesquisas sobre Caetanistas negros, compreendemos que eles fazem parte da galeria dos pretos do Brasil, mencionado pelo autor desconhecido do artigo do jornal. Nosso intuito é apresentar ao público sujeitos pertencentes à comunidade Caetanista, destacando aspectos da vida escolar e de sua contribuição para o Brasil e para o mundo.

Linha do tempo e contexto histórico

O movimento negro no Brasil tem uma história longa e complexa, marcada por lutas contínuas por igualdade, justiça e reconhecimento. A intenção da linha do tempo é dar ao leitor uma visão do momento em que os sujeitos desta exposição nasceram e viveram.

1549: Invasão de Tomé de Souza e sua esquadra na Bahia; provável ano em que chegaram os primeiros africanos para serem escravizados.

1630: O ano de 1630 é o de provável formação do Quilombo dos Palmares, território de resistência à escravidão.

1695: Morte de Zumbi dos Palmares, líder dos Palmares que lutou até a morte pela permanência do Quilombo, em levante feito pelo bandeirante Domingos Jorge Velho. Zumbi foi assassinado e o Quilombo destruído.

1741: Em 03 de março de 1741 foi publicado um alvará imperial, determinando que fosse carimbada a letra *F* com ferro quente nas espáduas de escravizados fugitivos.

1835: Revolta dos Malês. De acordo com a historiografia brasileira, este foi dos mais importantes levantes de negros escravizados que lutavam pela liberdade civil e religiosa.

1850: Promulgação da Lei Euzébio de Queiroz. Esta lei determina o fim do tráfico de africanos.

1862: Nascimento de Edmundo Malachias Almeida Lisboa.

1864: Nascimento de Presciliano José da Silva.

1869: Pelo Decreto nº 1.695, de 15 de setembro de 1869, foi proibida a venda de pessoas escravizadas por pregão, com exposição pública. A lei proibiu também a venda de casais separados e de pais e filhos.

1870: Nascimento de Alfredo Machado Pedrosa.

1871: Foi promulgada a Lei nº 2.040, de 28 de setembro de 1871, conhecida como Lei do Ventre Livre.

Lei do Ventre Livre (1871): A Lei do Ventre Livre, promulgada em 1871, determinava que os filhos de mulheres escravizadas nascidos a partir dessa data seriam considerados livres. No entanto, essas crianças permaneceriam sob a tutela do senhor de escravos até atingirem certa idade.

1881: Nascimento de Benedicto Galvão.

1885: Foi editada a Lei nº 3.270, de 28 de setembro de 1885, conhecida como Lei dos Sexagenários.

Lei dos Sexagenários (1885): A Lei dos Sexagenários, também conhecida como Lei Saraiva-Cotegipe, foi promulgada em 1885 e concedia liberdade aos escravizados com mais de 60 anos de idade. No entanto, essa lei foi criticada por muitos por ser inadequada e insuficiente para resolver a questão da escravidão no Brasil.

1886: Em 15 de outubro de 1886, o governo proibiu o açoite aos escravizados.

1887: Nascimento de Virgínia Leone Bicudo.

1887 - 1890: Permanência de **Edmundo Malachias de Almeida Lisboa** na Escola Caetano de Campos.

1888: Promulgada a Lei Áurea (Lei nº 3.353, de 13 de maio de 1888), que extinguiu a escravidão no Brasil; o país foi o último a abolir a escravidão no Ocidente.

Abolição da Escravidão (1888): A abolição da escravidão no Brasil, em 1888, foi um marco importante na história do movimento negro. No entanto, a libertação dos escravizados não foi seguida por medidas eficazes de inclusão social e econômica, deixando muitas pessoas negras em situação de pobreza e marginalização.

Essas leis, juntamente com a abolição da escravidão em 1888, fazem parte do contexto histórico que moldou as lutas e conquistas do movimento negro no Brasil durante o período mencionado.

1890: Nesta data foi editado o decreto que vetou o ingresso de africanos e asiáticos no país (Decreto nº 528, de 28 de junho de 1890). O ingresso de imigrantes europeus foi liberado pelo governo.

Primeira República (1889-1930): Durante a Primeira República, as leis e políticas discriminatórias continuaram a marginalizar as pessoas negras. O racismo estrutural estava presente em várias esferas da sociedade, incluindo o acesso à educação, emprego e moradia.

1891-1895: Permanência de **Presciliano José da Silva** na Escola Caetano de Campos.

1894-1897: Permanência de **Alfredo Machado Pedrosa** na Escola Caetano de Campos.

1896-1899: Permanência de **Benedicto Galvão** na Escola Caetano de Campos.

1910: Ano da Revolta das Chibatas, liderada pelo Almirante negro João Cândido.

1926: Nascimento de Eduardo de Oliveira.

1928-1930: Permanência de **Virgínia Leone Bicudo** na Escola Caetano de Campos.

1928: Nascimento de Nize Izabel de Moraes.

1931: Criação da Frente Negra Brasileira (FNB), organização que reuniu mais de 100 mil pessoas em diversos Estados do país. A FNB foi colocada na ilegalidade em 1937, com a instalação do Estado Novo.

Movimento Negro na década de 1930: Durante a década de 1930, houve um ressurgimento do ativismo negro, com a formação de organizações como a Frente Negra Brasileira. Essa organização buscava promover a conscientização racial, combater o racismo e reivindicar direitos políticos para as pessoas negras.

Era Vargas (1930-1945): O governo de Getúlio Vargas apresentou mudanças significativas para o Brasil, incluindo políticas trabalhistas e sociais. No entanto, os benefícios dessas políticas não eram igualmente distribuídos entre os brasileiros, e as pessoas negras continuaram a enfrentar discriminação e exclusão.

1933: Nascimento de Erlon Chaves.

1943: Nascimento de Ailton do Prado.

1945: Ex-militantes da FNB fundam a Associação do Negro Brasileiro. No Estado do Rio de Janeiro foi organizado o Comitê Democrático Afro-Brasileiro, com o objetivo de defender a Constituição, a anistia e a lutar pelo fim do preconceito racial. Em 1945, também foi realizada a 1ª Convenção Negro Brasileira em São Paulo.

1946-1951: Permanência de **Erlon Vieira Chaves** na Escola Caetano de Campos.

1948-1950: Permanência de **Eduardo Ferreira de Oliveira** na Escola Caetano de Campos.

1949: Neste ano, foi criado o Conselho Nacional de Mulheres Negras.

1949-1953: Permanência de **Nize Izabel de Moraes** na Escola Caetano de Campos.

Décadas de 1950 e 1960: Durante as décadas de 1950 e 1960, o movimento negro ganhou força, inspirado pelo movimento pelos direitos civis nos Estados Unidos. Surgiram organizações como o Teatro Experimental do Negro, liderado por Abdias do Nascimento, que usavam a arte e a cultura como formas de resistência e mobilização.

1950: Aprovação da Lei nº 1.390, de 3 de julho de 1951, denominada Lei Afonso Arinos, que caracterizou como contravenção penal a discriminação de raça, cor e religião.

1954: Nascimento de Hamilton Bernardes Cardoso.

1956: Nascimento de Rosa Maria Tavares de Andrade.

1957-1962: Permanência de **Ailton do Prado** na Escola Caetano de Campos.

Ditadura Militar (1964-1985): Durante o regime militar, que durou de 1964 a 1985, as questões raciais foram em grande parte marginalizadas em meio à repressão política e à censura. No entanto, grupos e ativistas continuaram a trabalhar pela igualdade racial, apesar das dificuldades e perseguições.

1961-1976: Permanência de **Rosa Maria Tavares de Andrade** na Escola Caetano de Campos.

1969: Pela Lei nº 077 de 1969, o governo ditatorial de Emílio G. Médici proibiu publicar notícias sobre o movimento negro e discriminação racial.

1970-1973: Permanência de **Hamilton Bernardes Cardoso** na Escola Caetano de Campos.

1977: Em assembleia do Congresso do Movimento Negro Unificado foi aprovada a celebração do Dia Nacional da Consciência Negra, em 20 de novembro, consolidado no ano seguinte.

Movimento Negro Unificado (1978): O Movimento Negro Unificado surgiu em 1978, unindo diferentes organizações e grupos em uma luta coletiva contra o racismo e pela promoção da igualdade racial. Este movimento foi fundamental para trazer visibilidade às questões raciais e pressionar por políticas públicas que beneficiassem a população negra.

1979: Neste ano, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) incluiu a cor como quesito para o recenseamento.

1988: Foi promulgada a Constituição da República Federativa do Brasil. No artigo 3º, inciso IV, consta como objetivo fundamental *promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação*.

1989: A Lei nº 7.716, de 5 de janeiro de 1989, definiu os crimes resultantes de raça e cor.

2003: Promulgação da Lei nº 10.639, de 09 de janeiro de 2003, que inclui como obrigatoriedade no currículo oficial de ensino a temática História e Cultura Afro-Brasileira.

2012: Promulgada a Lei nº 12.711, que [...] garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos.

2023: A Lei nº 14.532/2023 equipara o crime de racismo à injúria racial.

Ao longo desse período, o movimento negro no Brasil enfrentou diversos desafios, incluindo a violência policial, a falta de representatividade política e a discriminação sistemática em várias esferas da sociedade. No entanto, também alcançou importantes conquistas, como políticas de ação afirmativa e o reconhecimento da cultura negra. O legado dessas lutas continua a inspirar ativistas e defensores dos direitos humanos até os dias de hoje.

Edmundo Malachias de Almeida Lisboa (1887 - 1890)

Edmundo Malachias de Almeida Lisboa é o mais antigo aluno negro que foi identificado nas recentes pesquisas realizadas no Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos. Edmundo estudou na escola de 1887 até 1890, período histórico que compreende a abolição da escravidão e a ascensão da República, quando a Escola Normal funcionava no antigo casarão da Rua da Boa Morte - atual Rua do Carmo, nos arredores da Praça da Sé.

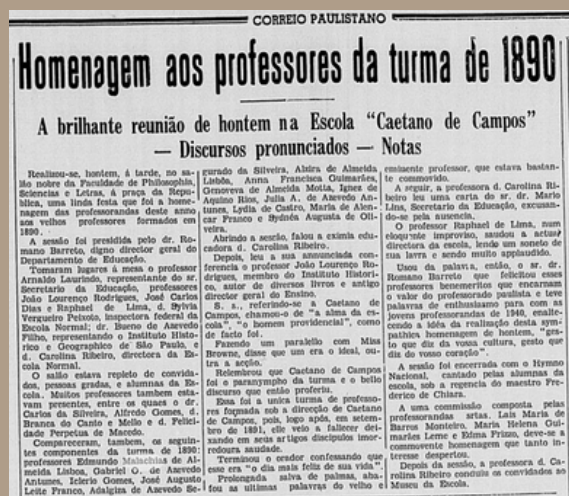
Colega de turma de Edmundo, o professor e historiador João Lourenço Rodrigues descreve o colega como franzino, bem-vestido, o mais brincalhão e o mais irrequieto de toda a escola. Relata a participação de Edmundo desde o trote aos calouros até o episódio a seguir descrito, num contexto de discussão do ensino teórico e do ensino experimental:

Certo dia, o Edmundo Malachias apareceu com um processo novo, de sua invenção, para ensinar o sistema métrico. Tinha montado no corredor um simulacro de armazém de secos e molhados, e, por traz de uma escrivaninha transformada em balcão, vendia aos petizes... serragem de madeira. Para isso empregava medidas de capacidade, pesos, balança. Era um ensaio da escola ativa, executado uns quarenta anos antes do aparecimento do rótulo atual.

Para além da Escola Normal de São Paulo, aparece nomeado como mesário para as eleições da primeira Assembleia Constituinte do período republicano, em 15 de setembro de 1890, e para outras eleições subsequentes na capital paulista.

Formado em 1890, o jovem professor Edmundo iniciou a atuação na escola pública em Porto Feliz, interior de São Paulo, e passou por escolas da capital, nos bairros do Tremembé e Belenzinho, terminando sua carreira docente na cidade litorânea de Ubatuba.

O reconhecimento e a importância da turma de professores formados em 1890 são atestados pela homenagem prestada 50 anos depois, na formatura de 1940, reunindo os velhos professores - Edmundo entre eles - e registrada na matéria do jornal *Correio Paulistano*:



Fonte: Correio Paulistano/Acervo da Fundação Biblioteca Nacional/EBRANL

Presciliano José da Silva (1891 - 1895)

No livro *Caetano de Campos: a escola que mudou o Brasil*, a autora Patrícia Golombek publicou uma foto dos professores de 1895 e lamentou: *à esquerda: professor afrodescendente, não identificado*.

Graças a uma tese de doutorado em música do professor André Luis Dias Pires, e uma publicação em 2020 no *Instagram*, com foto e texto derivados da tese que citava um *maestro do período imperial que deu aulas na Escola Normal de São Paulo*, foi possível identificar o professor no álbum de 1895.

O maestro, compositor e professor de Música Presciliano Silva é um personagem negro singular na História do Brasil do período final do Império ao início da República, tendo obtido bolsa do Imperador Dom Pedro II para estudar no Real Conservatório de Música de Milão, entre 1879 e 1882. Após o curso, retornou ao Brasil e casou-se com a pianista e professora Emília Sauerbronn (brasileira, descendente de alemães), em 14 de maio de 1887. Presciliano e Emília tiveram duas filhas, Célia e Carmem, que faleceram ainda jovens, vítimas de tuberculose.

Presciliano e sua família estabeleceram residência na capital paulista no período entre 1889 e 1896 e há registro de correspondência do então diretor da Escola Normal de São Paulo, Caetano de Campos, convidando Presciliano para atuar como examinador dos alunos de música em 1890. Em 1891, em carta dirigida ao governador do Estado, o diretor Caetano de Campos sugeriu a contratação de Presciliano e de sua esposa Emília como professores de música da Escola Normal de São Paulo. Encontramos os registros sobre a atuação de Presciliano como professor de Música da Escola Normal até 1895.

De acordo com os registros biográficos presentes na tese do professor André Pires podemos afirmar que houve um duplo rompimento entre as famílias de Presciliano e de Emília, motivados pela intolerância racial e religiosa.

Presciliano Silva morreu em 1910 com depressão após a morte de suas filhas. Ficando viúva, a professora Emília Sauerbronn retornou à cidade natal de Cantagalo, no Rio de Janeiro.



Fonte: AHECCN/UMAH/CREM/CEFAPE/SEEDUC-SP

Alfredo Machado Pedrosa (1894 - 1897)

Filho de Rita Bueno, Alfredo Machado Pedrosa nasceu em 11 de novembro de 1870. Matriculou-se na Escola Normal Secundária do Sexo Masculino, em 17 de fevereiro de 1894, aos 23 anos. Sua formatura ocorreu no ano de 1897.

Em 1898, Alfredo foi nomeado professor da Escola Complementar anexa à Escola Modelo Prudente de Moraes, assumindo o cargo no lugar de Carlos Alberto Gomes Cardim. Como professor, pertenceu à Associação Beneficente do Professorado Público, no qual foi membro do conselho fiscal em 1908.

Começou a trabalhar na Escola Complementar anexa à Escola Normal da Capital, em 1911, lecionando Geografia e História, matérias do ensino as quais Alfredo teve notas mais altas quando cursou a Escola Normal. A habilidade em tais disciplinas o levou a cursar Direito, faculdade na qual obteve o título de advogado em 1917. Concomitantemente ao Direito, exercia a profissão de professor de Geografia na Escola Normal do Brás.

Na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, há jornais que destacam Alfredo como um professor que participava ativamente das solenidades realizadas pela Escola Normal do Brás. Ele também era membro e vice-presidente da União Nacional dos Homens de Cor, *entidade de caráter civil-político-humanitário [...] legalmente organizada e contando já com cerca de 4.000 associados (Correio Paulistano, 09 de junho 1936).*

Alfredo era casado com Helena Lollito Pedrosa e desse matrimônio nasceram 9 filhos. Ele faleceu no dia 20 de setembro de 1942.

Em 1955, o Grupo Escolar São Mateus recebeu o nome de *Professor Alfredo Machado Pedrosa* atendendo a solicitação do Centro do Professorado Paulista pelo *elevado merecimento do Professor Alfredo Machado Pedrosa já falecido, e cuja vida é um belo exemplo a ser apontado às novas gerações.*



Fonte: AHECC/NUMA/HIGRENCIEFAP/SEDUC-SP

Benedicto Galvão (1896 - 1899)

Benedicto Galvão nasceu em 1881, na cidade de Itu, e foi aluno da Escola Normal de São Paulo de 1896 a 1899. Filho de Carolina Galvão, que trabalhava como lavadeira, o jovem Benedicto já se destacava no Grupo Escolar de Itu. No ano de 1895, por ocasião da visita do secretário do Interior Alfredo Pujol, para participar da entrega de premiação aos alunos dos grupos escolares da cidade, o aluno Benedicto Galvão foi premiado com distinção como melhor aluno do 4º Ano e apresentou-se como orador da sua turma, conforme o jornal *Cidade de Ytu* de 15 de dezembro de 1895:

Depois orou o inteligente aluno Benedicto Galvão, saudando o representante do governo e pedindo-lhe, em frases repassadas de comoção, auxílio para continuar seus estudos, pois que as suas precárias condições de fortuna não o permitem continuá-los às expensas suas.

Alfredo Pujol, renomado advogado e político republicano paulista, respondeu:

Depois disse que, conhecendo o aluno Benedicto Galvão por fatos e antecedentes, tomava-o sob sua proteção, fazendo com que um grupo de republicanos, em cujo número se achava, se encarregasse da educação daquele inteligente menino.

Esses trechos levam Keila Rodrigues a intuir, em seu livro *O infiltrado: Benedicto Galvão*, como Benedicto teria sido *infiltrado*, nos lugares socialmente reservados para os privilegiados, e explicita como o menino negro e pobre de Itu foi levado à Escola Normal de São Paulo e, posteriormente, à Faculdade de Direito de São Paulo.

Logo após sua formatura, na Escola Caetano de Campos, Benedicto exerceu o magistério no Grupo Escolar da Bela Vista e no Grupo Escolar da Liberdade. No ensino paulista também participou da Associação Beneficente do Professorado Público de São Paulo em 1901, e atuou no Conselho Fiscal da *Revista de Ensino* em 1902.

Em 1903 iniciou o curso na Faculdade de Direito de São Paulo. Formado em Direito em 1907, Benedicto passou a trabalhar com os irmãos Alfredo e Ernesto Pujol e, posteriormente, tornou-se sócio deles no escritório de advocacia no Edifício Guinle.



Fonte: Galeria dos Presidentes da OAB-SP

Benedicto Galvão foi o primeiro presidente negro da OAB-SP e esteve à frente dessa instituição de 1940 a 1941.

Virgínia Leone Bicudo (1928 - 1930)

Virgínia Leone Bicudo formou-se normalista pela Escola Caetano de Campos no ano de 1930. Sua mãe, Geovana Leone, e seu pai, Theófilo Júlio, trabalhavam para Bento Augusto de Almeida Bicudo, político, proprietário de terras em Campinas e um dos fundadores do jornal *A Província de São Paulo* (atual *O Estado de São Paulo*).

Geovana e Theófilo casaram-se em 1905 e passaram a residir na Vila Economizadora, no bairro da Luz, capital paulista. Do enlace, nasceram seis filhos, dentre eles Virgínia Leone Bicudo, em 21 de novembro de 1910.



Fonte: Sociedade Brasileira de Sociologia

Em 1918, Virgínia ingressou no Terceiro Grupo Escolar do Brás, escola modelo vinculada à Escola Normal localizada no mesmo bairro. Em entrevista a Marcos Maio, Virgínia lembrou um episódio de racismo sofrido aos oito anos de idade: naquela época, ao ir para a escola, as colegas brancas a chamavam com insistência de negrinha. Em 1926 e 1927, Virgínia cursou o 1º e 2º Anos na Escola Normal do Brás, sendo transferida para a Escola Caetano de Campos para cursar o 3º, 4º e 5º anos, formando-se professora em 1930.

Em 1932 ingressou no Instituto de Higiene onde formou-se como Educadora Sanitária. Em 1936, matriculou-se no Curso de Ciências Sociais da Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo. Nesta instituição, foi aluna de Noemy Rudolfer, também Caetanista, na disciplina de Psicologia Social e teve contato com a teoria psicanalítica freudiana. Virgínia procurou aprofundar-se na teoria psicanalítica, aproximando-se de Durval Marcondes. De acordo com o jornal *Correio Paulistano* (29 de dezembro de 1938), Virgínia foi nomeada como educadora sanitária da escola mista do bairro de Maranduba, em Ubatuba.

Para Gilson Paulo Nascimento, Virgínia ocupou um espaço no campo psicanalítico reservado sobretudo para homens médicos. Em 1944, o Grupo Psicanalítico de São Paulo passou a ter reconhecimento da Associação de Psicanálise Internacional. Virgínia Bicudo fez parte da diretoria da instituição até 1949.

Em 1962, Virgínia aposentou-se como psicologista e continuou atuando como psicanalista. Seus estudos voltaram-se para as questões da infância, do racismo, entre outros temas. A formação de Virgínia como educadora proporcionou-lhe uma ampla perspectiva frente aos problemas escolares, considerando o contexto social e a subjetividade das crianças. Virgínia faleceu em 2003.

Erlon Vieira Chaves (1946 – 1951)

Erlon Vieira Chaves foi aluno do curso Ginásial da Escola Caetano de Campos, maestro, cantor, compositor e ator. Nasceu em 09 de dezembro de 1933 em São Paulo, sendo filho de José Benedito Chaves, funcionário público e motorista da professora e diretora da Escola Caetano de Campos, Carolina Ribeiro, e de Irene Anna Vieira Chaves, faxineira que trabalhava na mesma escola.

Erlon Chaves, despontou nas disciplinas de Orfeão Infantil e Ginástica tirando notas altas, e em seu boletim escolar há um misto de notas altas e baixas, bem como faltas e pedidos para realizar exames de 2ª Época, resultado do trabalho que fazia na rádio e na TV, quando ainda cursava o Ginásio.

A facilidade com o canto orfeônico o fez participar e ganhar o concurso *A mais bela voz colegial*, em 1947. No jornal *Correio Paulistano*, de 19 de setembro de 1948, há um anúncio sobre a *Festa das Estrelinhas*, na Escola Caetano de Campos, organizada pela professora de Canto Elsa Ione Passerini. Esta festa foi feita em homenagem a Erlon Chaves. Em entrevista, a professora Elsa Ione Passerini, afirmou que há anos vinha se dedicando ao ensino da música, bailado e canto, às crianças e que estava muito satisfeita por saber que um ex-aluno orientado por ela *prossegue com brilho na carreira artística*.



Fonte: AHC/CONJUNTA/RENC/CFAR/EDUC-SP

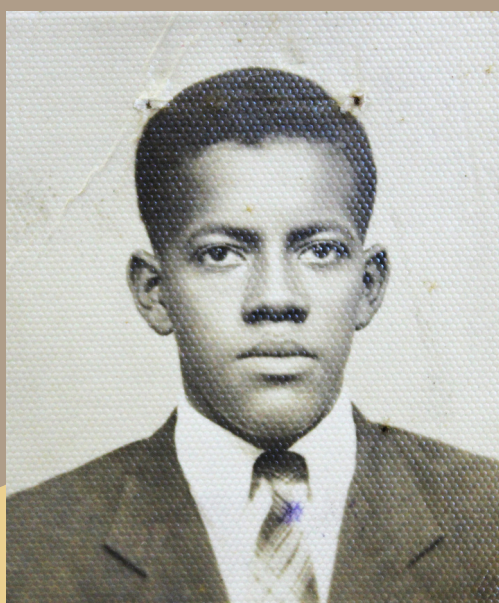
Afirmou ainda sentir-se *verdadeiramente orgulhosa* com seu aluno Erlon Chaves. Em seu depoimento disse que Erlon iniciou os estudos de música em seus cursos em fins de 1936 quando contava apenas 3 anos de idade. Logo a seguir, cantou nos programas infantis da Rádio Educadora, foi um dos fundadores do Clube Papai Noel, atuando na Cidade da Rádio. Após participar da *Festa das Estrelinhas*, tornou-se popular, sendo escolhido para compor o elenco do filme *Quase no Céu*, de 1949, dirigido por Oduvaldo Viana, com o papel de *Perereca*, ao lado de Walter Avancini.

Posteriormente, Erlon Chaves, aprimorou seus estudos indo estudar no Conservatório Musical Carlos Gomes, formando-se como pianista em 1950 e graduando-se em Harmonia, Regência e Instrumentação.

Erlon atuou na rádio das Emissoras Associadas, na TV Tupi e Excelsior, criou a Banda Veneno e participou de vários festivais apresentando músicas de sua autoria.

Nos anos 1970, participou do *Festival Internacional da Canção*, apresentando a música *Eu também quero Mocotó*. Sua performance foi considerada um ato imoral no contexto ditatorial da época. Erlon saiu algemado pela polícia e levado a interrogatório, sendo solto alguns dias depois. Após este evento ficou sendo assediado pela polícia política, o que o levou a cancelar shows e a ficar recluso.

Amigo de Erlon Chaves, Wilson Simonal estava preso pela Ditadura Militar. Simonal pediu para que Erlon levasse um toca-fitas para ele na prisão. Ao buscar o aparelho, Erlon teve um infarto vindo a falecer no dia 14 de novembro de 1974.



Fonte: AHECON/MAH/CRIB/CE/FA/SE/EDUC-SP

Eduardo Ferreira de Oliveira (1948 - 1950)

Eduardo Ferreira de Oliveira, mais conhecido como Eduardo de Oliveira, foi aluno da Escola Caetano de Campos entre 1948 e 1950, cursando o Ginásial no período noturno. Professor, jornalista, poeta, defensor dos direitos humanos, membro da União Brasileira de Escritores e ativista, é considerado o primeiro vereador negro da cidade de São Paulo.

Eduardo considerava que a matrícula na Escola Caetano de Campos constituiu-se numa das maiores e mais gratas alegrias de sua vida. Ele acreditava que com o diploma do Ginásio, ao invés de trabalhos manuais, poderia trabalhar em escritório, o que, de fato, aconteceu. Realizou a formação como professor e em curso superior de Direito.

Nos mesmos anos em que estudou na Escola Caetano de Campos, Nize Izabel de Moraes, citada por Eduardo como *negra briosa, que, por sua versatilidade e conhecimentos, acabou indo para o Senegal* e Erlon Chaves, nas palavras de Eduardo *saudoso e popular cantor negro, um dos expoentes da Música Popular Brasileira*, frequentaram os mesmos corredores da escola. Eduardo sentia orgulho de ser um Caetanista e afirmava tal situação quando encontrava com Rosa Maria Tavares Andrade.

Eduardo era filho de Sebastião Ferreira e Henriqueta de Oliveira, progenitores que não chegou a conhecer. Ele foi adotado por Francisco Salles Prudente Corrêa, e, posteriormente, passou a residir na Rua do Carmo como pensionista da Juventude Operária Católica. Eduardo recorda que na Escola Caetano de Campos pode sentir-se negro e pobre ao mesmo tempo. Na luta pela sobrevivência e sendo um dos poucos negros, era visto por seus colegas com piedade e camaradagem. Entretanto, Eduardo expõe a confusão de sentimentos pelo fato de alguns colegas tratá-lo com especial atenção e outros com menosprezo.

Idealizador do Congresso Nacional Afro-Brasileiro, Eduardo é autor de diversas obras sobre a cultura negra, tendo publicado o livro *Quem é Quem na Negritude Brasileira* em 1998. Outro destaque a ser feito é sua composição do *Hino à Negritude*.

Eduardo trocou cartas com Martin Luther King Junior, ativista negro estadunidense que lutou contra a segregação racial em seu país e foi assassinado em 1968. Maria de Lourdes Teodoro pontua que Luther King estimulava Eduardo a continuar na luta em prol da *humanização da humanidade*.

Faleceu em 2012 aos 86 anos de idade.



Fonte: CHAB/Inemul

Nize Izabel de Moraes (1949 - 1953)

Nize Izabel de Moraes nasceu em Bauru no dia 02 de fevereiro de 1928. Seu pai, Ofelio de Paula, foi operário e faleceu em 1951. Desconhecemos informações sobre a relação de Nize com seu pai. Sua mãe, Corina de Moraes, trabalhou como doméstica e cozinheira. No documento de cidadania senegalesa, de 2001, Nize informa que era filha de Corina Barbosa de Moraes e da sua avó materna, Ignacia Barbosa.

A 1ª e a 2ª Série do curso Ginásial, Nize realizou no Colégio Paulistano nos anos de 1947 e 1948. A 3ª Série, no período diurno, e a 4ª Série, já no período noturno, realizou na Escola Caetano de Campos, nos anos 1949 e 1950, onde continuou estudando no curso Normal. Conforme documentação, Nize *matriculou-se em 1951 no Curso de Formação de Professôres [sic] Primários, período noturno, deste Instituto, mediante aprovação nos exames vestibulares*. Reprovada no 2º Ano em 1952 e 1953, em 05 de março de 1954 Nize solicitou transferência para a Escola Normal de Bauru.

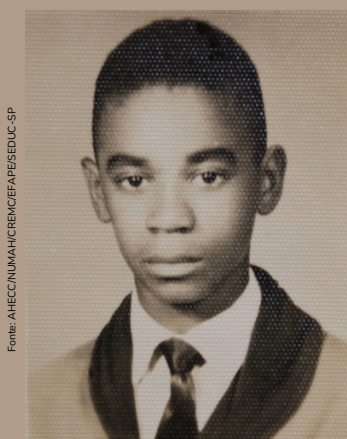
As pesquisadoras Maria Aparecida de Oliveira Lopes e Juliana Barreto Farias, realizam estudos sobre Nize desde o ano 2019. Delas temos as informações que Nize atuou na Rede Estadual de Ensino. Entre o final da década de 1950 e meados da década de 1960, Nize cursou História na Universidade de São Paulo. Neste período, formou-se no Centro de Cultura Africana. Após a sua formatura no curso de História, Nize chegou ao Senegal, na cidade de Dakar em 1967, vinculando-se ao Instituto Fundamental da África Negra, da Universidade de Dakar, atual Universidade Cheickh Anta Diop.

Nize contribuiu com a produção historiográfica do Senegal. Mestre pela Universidade de Dakar/Sorbonne, em 1972, e doutora pela Sorbonne, em 1977. Nos estudos de Maria Aparecida e Juliana, ela é considerada como africanista pioneira, especialista nos estudos sobre a Senegâmbia, e publicou quatro tomos sobre a história moderna do Senegal. A obra se intitula *A la decouverte de la Petite Côte*. Sua contribuição está em apresentar e analisar novas fontes documentais, estabelecer uma cronologia para a história da Senegâmbia, problematizar a presença portuguesa no Senegal e o estudo da escravidão, do comércio na região da *Petite Côte*.

Nize faleceu no Senegal no ano de 2015.



Ailton do Prado (1957 – 1962)



Fonte: AHECC/NUMA/HIC/RECEFA/PE/SEDUC-SP

Ailton do Prado como jovem negro, de família pobre da periferia de São Paulo, ingressou no Curso Ginásial na Escola Caetano de Campos no ano de 1957. Em suas lembranças, a escola tinha cerca de trezentos alunos no período da manhã e contava no máximo seis alunos negros entre eles.

O apoio da família foi decisivo para o sucesso escolar e profissional de Ailton do Prado. Seu pai era balconista e tinha pouca instrução formal, mas fazia questão de valorizar a raça negra e dizia aos filhos para nunca baixarem a cabeça para alguns episódios de racismo. Sua mãe era empregada doméstica e fazia balas para vender e ajudar na renda da casa. Ela sempre incentivava os filhos a prosseguirem nos estudos.

Ailton reconhece os professores da Escola Caetano de Campos como *fenomenais* e, lembra que com o uniforme da escola, os alunos eram valorizados em qualquer lugar.

Ailton narra um episódio marcante com a professora Eneida, em que ele se queixava das dificuldades que tinha para chegar até a escola, de não conseguir levar o lanche como os demais colegas e pensava em desistir da escola. A professora, então, falou: *Ailton, não se esqueça de uma coisa: quanto maior a luta, maior serão os louros da vitória.*

A necessidade de trabalho para obter renda e ajudar sua família levou Ailton a optar por fazer um Curso Técnico, após concluir o Ginásio em 1962 e, sob influência das aulas de Ciências na Caetano de Campos, escolheu o curso Técnico em Química.

Como químico industrial, Ailton trabalhou a maior parte da sua vida na Petrobras, onde ingressou após classificar-se em primeiro lugar em concurso público para analista de laboratório. Trabalhou na Refinaria da Petrobras de Betim, em Minas Gerais, e transferiu-se para Campinas para trabalhar na Refinaria de Paulínia, onde chegou ao cargo de chefe de laboratório e aposentou-se.

A valorização dos estudos nunca deixou de estar presente na vida de Ailton e, enquanto trabalhava na Petrobras, concluiu uma graduação em Economia e outra em Química.

Ailton do Prado também atuou como professor de Química e Matemática em Campinas, Paulínia e em Mucuri, na Bahia, e atualmente, aos 80 anos, reside em Caraguatatuba com sua esposa Nenê (Maria da Penha) e ainda atua em atividade filantrópica oferecendo aulas de reforço escolar.

Rosa Maria Tavares Andrade (1961 - 1976)

O professor Eduardo Ferreira de Oliveira afirmava que Rosa Maria Tavares Andrade teve o privilégio de ter, simbolicamente, duas mães: Alzira Tavares Andrade, mineira de Itanhandu, em cujo ventre foi gerada, e a sua querida madrinha Célia Ribeiro de Mendonça, que tornou-se a responsável por sua educação elementar e pelo seu desenvolvimento intelectual, educacional e social.

Rosa Maria frequentou a Escola Caetano de Campos desde o Jardim de Infância até a conclusão do 2º Grau. A trajetória na escola, de 1961 até o ano de 1976, ocorreu no prédio *Caetano de Campos*.

Ao sair da Escola Caetano de Campos, realizou sua formação universitária em Ciências Biológicas, e licenciatura em Microbiologia pela Universidade de São Paulo. Rosa Maria se dedicou à pesquisa sobre a *anemia falciforme*, doença genética que afeta especialmente as populações negras.

Entre 1987 e 1988 voltou ao prédio da *Caetano de Campos*, não como aluna, mas como profissional para trabalhar no Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros - GTAAB, na Secretaria da Educação, onde permaneceu por oito anos.

Rosa Maria foi uma das profissionais que trabalharam em prol do desenvolvimento de políticas públicas antirracistas, como podemos verificar no artigo de autoria de Rosa Maria com Vanderlei José Maria, também da equipe do GTAAB, *Cor e gen-te*, na publicação *Salve 13 de maio?*.

Rosa Maria integrou o GTAAB no contexto do centenário da Lei da Abolição da Escravatura. Como exemplifica o projeto *Salve 13 de maio?*, as ações do GTAAB objetivaram o debate, a denúncia contra o racismo e o desenvolvimento de perspectivas afirmativas. Outra publicação de Rosa e da equipe do GTAAB foi um caderno de currículo da área da Biologia, denominado *Ensino de Biologia: dos fundamentos à prática*, no capítulo que aprofunda o texto *Cor e gen-te* e faz propostas aos professores da Rede Estadual de Ensino.

No centenário do prédio *Caetano de Campos*, no ano de 1994, a Associação de Ex-Alunos do Instituto de Educação Caetano de Campos publicou um livro, organizado por Maria Candida Delgado Reis, no qual Rosa Maria escreveu um capítulo: *Memórias em Rosa e Negro*, apresentando todo seu carinho com a Escola Caetano de Campos, Rosa manifesta também que era um ambiente no qual havia preconceito:

O que faltou nas lousas e salas dessa Escola? Hoje, sem dúvida posso afirmar que foram as imagens positivas de crianças negras nos livros escolares, Zumbi – a resistência negra diante da escravidão, Chica da Silva, André Rebouças, Luiz Gama, Luiza Mahin e tantos outros negros que deixaram seu nome na memória, mas que só recentemente vêm sendo recuperados pela História. Ou seja, o giz não completou as pontas do triângulo equilátero da igualdade, do respeito às diferenças e da valorização plurirracial.

Rosa Maria é apresentadora de programas em rádio e TV, como foi na TV Escola. Desenvolve pesquisas sobre o tema *A Biologia e a Questão Racial em relação ao Negro*, além de atuar em projetos de Direitos Humanos. Em coautoria com Heloisa Pires Lima, no ano de 2018 Rosa publicou o livro *Lendas da África Moderna*. Em 2023 recebeu o Prêmio Luiza Mahin, concedido a mulheres comprometidas com a valorização da cultura negra, oferecido pela Secretaria Municipal de Direitos Humanos e Cidadania, por meio da Coordenação de Promoção da Igualdade Racial, revelando trajetórias de luta antirracista.



Fonte: Arquivo particular de Rosa Maria Tavares Andrade



Fonte: AHECONJUNHAH/REMEC/EFAP/SEDUC-SP

Hamilton Bernardes Cardoso (1970 - 1973)

Hamilton Bernardes Cardoso, nascido em 1954, em Catanduva, viveu por muito tempo na cidade de São Paulo. Morou primeiro no bairro do Ipiranga e depois na Casa Verde. Em documento manuscrito por Hamilton de 29 de dezembro de 1972, ele indica a sua profissão como ator, e as profissões do seu pai, Onofre José Cardoso, como músico, e de sua mãe, Deolinda Bernardes Cardoso, como prendas domésticas.



Fonte: AHECONUM/ARCRNCE/FAPESEDUC-SP

Ele foi matriculado na Escola Caetano de Campos, no curso Colegial, posteriormente denominado 2º Grau, em 1970 e sempre estudou no período noturno. Foi reprovado em 1971, mas permaneceu na escola até 1973.

Durante o estudo na Escola Caetano de Campos, frequentou teatros o que fez com que ele se aproximasse das questões intelectuais sobre os negros no Brasil.

Hamilton cursou Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero e concluiu na Faculdade Metodista de Rudge Ramos. Foi escritor, tendo destaque em poesia, e jornalista na imprensa alternativa e na grande imprensa paulista, sobretudo no jornal *Folha de São Paulo*. Líder ativista do movimento negro brasileiro nas décadas de 1970 e 1980, além de outros movimentos sociais e ações como a campanha pela anistia, o movimento Diretas Já, o processo da Constituinte que gerou a Constituição de 1988, e liderança no Movimento Negro Unificado em 1978, após um episódio de racismo, relatado por Hamilton na revista *Versus*, do qual extraímos o seguinte trecho:

Os meninos negros são expulsos do clube grã-fino. O rapaz negro é assassinado por um policial. Desta vez, não ficamos calados. Começa a mobilização geral. Reuniões, discussões, rumo traçado: protestar na praça pública. Mas isto nunca havia sido feito... Uma nova página das lutas negras começa a ser virada. Como aconteceu tudo isto? É o que vamos contar.

Ao ser atropelado, no dia 1 de maio de 1988, Hamilton sofreu várias sequelas limitantes. Morreu em 1999 se jogando no rio Tietê. Uma preciosa perspectiva da situação de Hamilton é colocada por Oswaldo Faustino, dizendo que o *racismo estrutural silenciou sua potente fala em 1999, quando o militante do movimento negro se suicidou após passar por uma depressão profunda.*

Bibliografia

ANDRADE, Rosa Maria Tavares; MARIA, Vanderlei José. Cor e gen-te. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Grupo de Trabalho para Assuntos Afro-Brasileiros. **Salve 13 de maio?:** escola, espaço de luta contra a discriminação. São Paulo: SE, 1988.

ANDRADE, Rosa Maria Tavares. Memórias em Rosa e Negro. In: REIS, Maria Candida Delgado (Org.). **“Caetano de Campos”:** fragmentos da história da Instrução Pública no Estado de São Paulo. Centenário 1894-1994. São Paulo: Associação de Ex-Alunos do IECC, 1994, p. 137 – 142.

ANDRADE, Rosa Maria Tavares; LIMA, Heloisa Pires. **Lendas da África moderna.** São Paulo: Elementar, 2018.

CARDOSO, Hamilton Bernardes. Isso é conversa de branco. **Lua Nova:** Revista de Cultura e Política. Vol. 2, n. 3, 1985. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ln/a/NRqWJZYqVJNTfPyrbXDkVKx/?lang=pt>>. Acesso em: 3 maio de 2024.

FARIAS, Juliana Barreto; LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. Nize Isabel de Moraes: memórias de uma Historiadora da Senegâmbia. **Estudos Históricos.** Rio de Janeiro, vol 35, nº 77, Setembro-Dezembro de 2022. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/eh/a/L5NVCzrwvccv3kLV6gfvQSP/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 3 maio de 2024.

FARIAS, Juliana Barreto. Descobrir Nize Isabel de Moraes: **O “arquivo pessoal” de uma historiadora negra entre Brasil e Senegal (1967-2015).** Acervo, [S. l.], v. 36, n. 3, 2023. Disponível em: <<https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/2023/1932>>. Acesso em: 3 maio de 2024.

FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger (Coord). **Relações raciais entre negros e brancos em São Paulo.** Ensaio sociológico sobre as origens, as manifestações e os efeitos dos preconceitos de cor no município de São Paulo. São Paulo: UNESCO/Anhembi, 1955.

FRAUSINO, Carlos Cesar Marques. **Um olhar sobre Virgínia Leone Bicudo.** Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 54, n. 3, 227-236, 2020.

GOLOMBEK, Patrícia. **Caetano de Campos a escola que mudou o Brasil.** São Paulo: EDUSP, 2016.

GOMES, Janaína Damaceno. **Os segredos de Virgínia**: estudos de atitudes raciais em São Paulo (1945-1955). Tese (Doutorado) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Antropologia. Área de concentração: Antropologia Social. 2013.

GTAAB – Grupo de trabalho para assuntos afro-brasileiros; OLIVEIRA, Rachel de (Coord.); ANDRADE, Rosa Maria Tavares; MARIA, Vanderlei José; SILVA, Percy da; TUDREY, Nice Carranço. Cor e gen/te. In: SÃO PAULO (Estado) Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. **Ensino de Biologia**: dos fundamentos à prática. São Paulo: SE/CENP, 1988, p. 43-48.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. **História e memória do negro em São Paulo**: efemérides, símbolos e identidade (1945-1978). Tese (Doutorado). Faculdade de Ciências e Letras de Assis. Universidade Estadual Paulista. Assis, 2007.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. (Des)Fragmentando uma narrativa sobre a vida acadêmica de Nize Isabel de Moraes, historiadora da Petite Côte. **Revista de Teoria da História**. Goiânia, v. 26, n. 1, 2023. Disponível em: <<https://revistas.ufg.br/teoria/article/view/75421/40053>>. Acesso em: 3 maio de 2024.

LOPES, Maria Aparecida de Oliveira. O Arquivo de uma Historiadora Brasileira no Instituto Fundamental da África Negra (IFAN). **Sillogés**. Rio Grande do Sul, v.6, n.1, jan./jun., 2023. Disponível em: <<https://zenodo.org/records/10070756>>. Acesso em: 3 maio de 2024.

MAIO, Marcos Chor (Org.). **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**: Virgínia Leone Bicudo. São Paulo: Editora Sociologia e Política, 2010.

MAIO, Marcos Chor. Educação sanitária, estudos de atitudes raciais e psicanálise na trajetória de Virgínia Leone Bicudo. **Cadernos Pagu** (35), julho-dezembro de 2010, p. 309-355.

NASCIMENTO, Gilson Paulo. **Virgínia Leone Bicudo**: a mulher negra pioneira nos estudos das relações raciais no Brasil. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Ibirapuera, São Paulo, 2024.

OLIVEIRA, Eduardo de. Poesia e Trabalho: lembranças de um Aluno Negro. In: REIS, Maria Cândida Delgado (Org.). **“Caetano de Campos”**: fragmentos da história da Instrução Pública no Estado de São Paulo. Centenário 1894-1994. São Paulo: Associação de Ex-Alunos do IECC, 1994, p. 149 – 153.

OLIVEIRA, Eduardo. **Quem é quem na negritude brasileira**. São Paulo: Congresso Nacional Afro-brasileiro, Brasília. Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998.

PIRES, André Luis Dias. **Presciliano Silva e Francisco Valle: distintos românticos**. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

RODRIGUES, João Lourenço. **Um retrospecto: alguns subsidios para a historia pragmatica do ensino publico em São Paulo**. São Paulo: Instituto D. Anna Rosa, 1930.

RODRIGUES, Keila da Silva Santos. **O Infiltrado: Benedicto Galvão - a trajetória escolar e profissional de uma criança negra (1881-1943)**. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de São Paulo (Guarulhos), 2019.

SANTOS, Elisângela da Silva. **O legado de Virgínia Leone Bicudo para a sociologia da infância no Brasil**. Cadernos de Pesquisa. v. 48 n.170 p. 1194-1217 out./dez. 2018.

SANTOS, José Veloso dos. **Negros e negra vestem a toga da Escola Normal de São Paulo (1890 -1930)**. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Filosofia e Ciências, 2021.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Grupo de Trabalho para assuntos Afro-Brasileiros. **Salve 13 de maio?**. São Paulo, SE, 1988.

TEODORO, Maria de Lourdes. Eduardo de Oliveira visto por Lourdes Teodoro. In: OLIVEIRA, Eduardo de (Org.). **Quem é quem na negritude brasileira?** Vol. 1. São Paulo: Congresso Nacional Afro-Brasileiro; Brasília: Secretaria Nacional de Direitos Humanos do Ministério da Justiça, 1998. p. 289.

Plataformas

ANCESTRALIDADES. **Hamilton Cardoso**. Disponível em:
<<https://www.ancestralidades.org.br/biografias-e-trajetorias/hamilton-cardoso>>. Acesso em: 3 maio. 2024.

ANÚNCIO. **Mudança de endereço do escritório de Benedicto Galvão**. O Estado de São Paulo. 7 de agosto de 1916. Disponível em:
<<https://acervo.estadao.com.br/pagina/#!/19160807-13740-nac-0007-999-7-not/busca/Benedicto+Galv%C3%A3o>>. Acesso em 02 de maio de 2024.

CARRANÇA, Flávio. **Hamilton Cardoso e seu tempo**. Omenelick. Disponível em:
<<http://www.omenelick2ato.com/historia-e-memoria/hamilton-cardoso-e-seu-tempo>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Homenagem aos professores da turma de 1890**. Correio Paulistano. 3 de dezembro de 1940. Disponível em:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_09&pesq=%22Edmundo%20Malachias%20de%20Almeida%20Lisboa%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=4140>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Serviço Eleitoral - Edmundo Malachias de Almeida Lisboa**. Correio Paulistano. 27 de agosto de 1890. Disponível em:
<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=090972_05&pesq=%22Edmundo%20Malachias%20de%20Almeida%20Lisboa%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=793>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. **Editais - Serviço Eleitoral - Edmundo Malachias de Almeida Lisboa**. O Mercantil. 16 de agosto de 1890. Disponível em:
<<https://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=720895&pesq=%22Edmundo%20Malachias%20de%20Almeida%20Lisboa%22&hf=memoria.bn.br&pagfis=166>>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

GARAEIS, Vítor Hugo. **A história da escravidão negra no Brasil**. Disponível em
<https://www.geledes.org.br/historia-da-escravidao-negra-brasil/#:~:text=1549%3A%20Tom%C3%A9%20de%20Souza%20desembarca,de%20resist%C3%Aancia%20pol%C3%ADtica%20%C3%A0%20escravid%C3%A3o>. Acesso em 23/04/2024.

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO. **MNU celebra memórias e personalidades negras em programação no Memorial da Resistência (2023)**. Memorial da Resistência de São Paulo. Disponível em: <<https://memorialdaresistencia.org.br/noticias/mnu-celebra-memorias-e-personalidades-negras-em-programacao-no-memorial-da-resistencia/>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

JORNAL VERSUS. **Os negros estão nas ruas**. Julho-agosto de 1978. Memorial da Democracia. Disponível em: <<https://memorialdademocracia.com.br/card/ato-reorganiza-o-movimento-negro/docset/893>> Acesso em: 3 de maio de 2024.

LISTA DE DISCRIMINAÇÃO RACIAL. **Homenagem ao professor Eduardo de Oliveira**. Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/homenagem-ao-professor-eduardo-de-oliveira/>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

LITERAFRO. **Eduardo de Oliveira**. Disponível em: <<http://www.lettras.ufmg.br/literafro/autores/231-eduardo-de-oliveira>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

PEREIRA, Dulce Maria. **Hamilton Cardoso**. Portal Geledés. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/hamilton-cardoso/>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

PINTO, Tania Regina. **É difícil ser negro** - Hamilton Bernardes Cardoso. Primeiros Negros. Disponível em: <<https://primeirosnegros.com/e-dificil-ser-negro/>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

PORTAL MEC. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/cotas/perguntas-frequentes.html>. Acesso em 23/04/2024.

TRIBUNAL DE JUSTIÇA DO DISTRITO FEDERAL E TERRITÓRIOS. Disponível em <https://www.tjdft.jus.br/institucional/imprensa/campanhas-e-produtos/direito-facil/edicao-semanal/injuria-racial-racismo#:~:text=LEI%20N%C2%BA%2014.532%2C%20DE%2011,cor%2C%20etnia%20ou%20proced%C3%Aancia%20nacional>. Acesso em 23/04/2024.

Vídeos

ANDRADE, Rosa Maria Tavares. **Entrevista**. [abr. 2024]. Entrevistadores: Diógenes Nicolau Lawand e Maria Rejane Germano. São Paulo: AHECC/NUMAH/EFAPE/SEDUC-SP, 2024. 1 arquivo .mp4 (95 min.). A entrevista na íntegra encontra-se em vídeo e transcrita com acesso no Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos que está sob a custódia do NUMAH. Entrevista concedida ao Projeto Memória Oral do NUMAH.

CATÁLOGO MUSICAL SÃO JOÃO DEL-REI. **O Vos Omnes** - Antífona - Presciliano Silva. 24 de agosto de 2023. @catalogomusicalsaojoadel-7033. Disponível em: <<https://youtu.be/n6mP5pdQOH8?si=oOsCMkwXo4WA7prX>>. Acesso em: 6 de maio de 2024.

CULTNE. **Hamilton Cardoso**: Jornalista e ativista. 29 de maio de 2012. @Cultne. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=lq0soh6y0Cs>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

FAUSTINO, Oswaldo. **O racismo silenciou Hamilton Cardoso**. 11 de abril de 2019. TER.A.PIA. @historiasdeterapia. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hX3OvX2FmY8>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

MACEDO, José Rivair. **Eduardo Oliveira e Hamilton Cardoso**: entrevistas e intervenções (1977). 10 de junho de 2020. @joserivairmacedo8626. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ijqRlVT8A1o>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

OLIVEIRA, Oton. **Erlon Chaves** - O Maestro do Veneno. 30 de junho de 2022. @OtonOliveira-Quimica_e_Musica. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K5_L7WajqNE&list=PL70TSUq4bsaQQYbRxa_qxAfL6eiPOclTd&index=3>. Acesso em 07 de maio de 2024.

PERRUT, Clara. **Missa Para Pequena Orquestra** - Presciliano Silva. 12 de dezembro de 2023. @claraperrut. Disponível em: <<https://youtu.be/rGbRWySOcok?si=jv5ld4GtjFd8xRLh>>. Acesso em: 6 de maio de 2024.

PRADO, Ailton do. **Entrevista**. [mar. 2024]. Entrevistador: Diógenes Nicolau Lawand. São Paulo: AHECC/NUMAH/EFAPE/SEDUC-SP, 2024. 2 arquivos .mp4 (108 min.). A entrevista na íntegra encontra-se em vídeo e transcrita com acesso no Acervo Histórico da Escola Caetano de Campos que está sob a custódia do NUMAH. Entrevista concedida ao Projeto Memória Oral do NUMAH.

QUILOMBHOJE LITERATURA. **Hino à Negritude cantado por seu criador, Prof. Eduardo de Oliveira**. 4 de junho de 2014. @QuilombhojeLiteratura. Disponível em: <<https://youtu.be/VZxj-rMW1rw?si=ZVS6FgpDUQNLhqPd>>. Acesso em: 3 de maio de 2024.

Ficha técnica

Diretor do CREMC

Clayton Policarpo Barbosa Vicente

Diretor do NUMAH

Wladimir Araújo Guimarães

Idealização

Maria Rejane Germano (NUMAH)

Equipe técnica do NUMAH

Adriano José Neves

Diógenes Nicolau Lawand

Maristela Cabral de Lira

Sérgio Luiz Mazetto

Solange Maia Merlini

Apoio

Eliel de Souza Café Filho (EFAPE)

Ariadne Lopes Ecar (FAPESP - Projeto temático: *Saberes e práticas em fronteiras: por uma história transnacional da educação (1810-...)* - Processo: 18/26699-4)

Realização:

NUMAH

NÚCLEO DE MEMÓRIA E
ACERVO HISTÓRICO

